

História oral e migração: narrativas de brasileiros em Puerto Adela - Paraguai (1970-2007)

Danusa de Lourdes Guimarães da Silva*

Este texto é uma tentativa de problematizar os deslocamentos populacionais de brasileiros para o Paraguai em suas dinâmicas cotidianas¹. O contato e o diálogo com estes sujeitos possibilitam apreender os diferentes sentidos e significados que atribuem às suas trajetórias naquele país. Nesta direção, a construção deste texto resulta de uma pesquisa sobre experiências vividas por aqueles aportados no vilarejo de Puerto Adela, na fronteira brasileira com o Distrito de Porto Mendes, Município de Marechal Cândido Rondon.

Neste caminho, tenho compreendido a História Oral como uma metodologia que me permite adentrar nos espaços sociais daquele vilarejo e apreender embates e interações que são vividas historicamente por brasileiros e paraguaios. Desse modo, venho buscando perceber os espaços de trabalho e de lazer, familiares e públicos, bem como os modos como tais sujeitos vêm constituindo suas identidades, seus pertencimentos, valores e costumes cotidianamente.

Com a tentativa de apreender o tecer dessas relações sociais, as produções dos relatos² têm sido encaminhadas no sentido de compreender não apenas o passado dos entrevistados, mas também o presente vivido e as expectativas em relação ao futuro. Tenho buscado refletir sobre como as trajetórias são narradas e entrecruzadas por sentidos de múltiplas temporalidades e diversas articulações dessas vivências. Este texto dialoga, portanto, com experiências vividas por homens e mulheres, na condição de imigrantes em Puerto Adela, que exercem tarefas cotidianas, por eles identificados como “agregados”, “diaristas”, “empreiteiros”, “pequenos agricultores”.

Entre esses imigrantes, encontra-se o senhor Nilson Moraes, que chegou em Puerto Adela há 31 anos. Na sua trajetória, constituiu com a esposa Neli uma família, conquistando 2 alqueires de uma propriedade de terra destinada à pastagem e à produção do leite. Além dessa atividade, Nilson e o filho mais novo trabalham esporadicamente como “diaristas” ou “empreiteiros” para grandes e médios produtores de mandioca de localidades próximas. De modo bastante reflexivo, o senhor Nilson discorreu delongadamente sobre as principais mudanças que observou no seu cotidiano de trabalho:

Qui nem pra soja, tem tudo, serviço de enxada na soja não existe mais... Por isso que acontece essa ladroagem, por não ter o serviço. Enquanto ele trabalhava na enxada, que tinha serviço na inchada, todo mundo ganhava o seu. E agora é tudo no veneno, tanta soja, vem o rico aí, passa

* Graduanda em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Email: guimaraesdanusa@yahoo.com.br

¹ Este texto resulta de uma pesquisa de Iniciação Científica sob o título “Trajetórias e Experiências de trabalhadores brasileiros emigrados no Paraguai (*Puerto Adela - 1970-2007*)”, junto ao programa: PIBIC/CNPQ/Unioeste/FPTI, sob a orientação do Prof. Dr. Robson Laverdi.

² Os relatos foram produzidos em trabalho de campo realizados em 2005, 2006 e 2007, nos vilarejos de Puerto Adela, San Blás, San Roque, Carapá, Santa Lucia.

Primeiros passos

o veneno e acabou, tá limpa a roça... Então, mudou, viche... [...] Se não tivesse a técnica não ia ter isso aí, ia ter muito serviço aí pro pessoal... Até portanto, muita gente foi embora por não ter serviço, né? vai ficar fazendo o quê? o cara não tem uma vaca de leite, não tem uma galinha, não tem porco, nada pra comer e aí...³

O senhor Nilson expressa, neste fragmento de entrevista, embates e conflitos experimentados atualmente por ele e pelos demais trabalhadores, na disputa e conquista por espaços de trabalho em Puerto Adela. O entrevistado fala de um tempo em transformação, envolvendo as relações de trabalho. No relato, destacou outros modos de trabalhar, pertencer e viver nestes lugares. Enquanto interlocutor dessas mudanças, falou com angústia das perdas dos laços com a terra, narrou o presente articulando-o às experiências vividas no passado.

No relato, observou também a chegada de inúmeras famílias entre as décadas de 1970 e 1980. Todavia, passou a presenciar, a partir de 1990, o retorno de muitas destas famílias. Durante a entrevista, falou da angústia de visitar lugares antes habitados por conhecidos e hoje transformados em espaços destinados à plantação extensiva da soja. Os deslocamentos de brasileiros para Puerto Adela foram mais intensos justamente nestes períodos. Esses trabalhadores compravam direitos de posses, selecionavam uma área, desmatavam e iniciaram, a partir da década de 1980, o plantio da hortelã.

Segundo relatos não gravados, no início de 1980, a base portuária de Puerto Adela chegava receber cerca de 5 famílias semanalmente. Este movimento parece ter sido marcado, principalmente, por aqueles que desejavam adquirir o primeiro pedaço de terra de suas vidas, frustrados com suas experiências como agregados, arrendatários e “bóias-frias” no Brasil. O cultivo de hortelã e a sua valorização econômica no país até os fins da década de 1980 foi um fator de atração para a emigração de muitos brasileiros. Narrada com entusiasmo, a produção da hortelã chegava a render até três safras anuais, representando melhores condições econômicas para estes imigrantes.

Aos poucos, a hortelã foi sendo substituída pelo plantio extensivo da soja, em função da desvalorização do produto e do desgaste do solo. O cultivo da soja atraiu grandes compradores interessados em grandes extensões de terra. Paralelamente a isso, a imobiliária e colonizadora *Geminis S.A.*, uma instituição privada e responsável pela administração das posses nessas localidades, passou exigir a regularização, demarcação e a compra das propriedades habitadas. Porém, muitas famílias não tinham condições financeiras de adquirir legalmente tais propriedades. Além disso, havia a insegurança por parte dos agricultores em adquirir “escrituras frias”, pois no vilarejo espalhavam-se “boatos” de que tais áreas pertenciam a uma outra colonizadora.

No depoimento do senhor Nilson há uma referência a esses embates. O depoente expressa transformações vividas, principalmente, em relação às (re)ordenações dos espaços de trabalho, muitas vezes desencadeadas pelo retorno dos pequenos proprietários ao Brasil e pela ocupação dessas áreas pelos grandes latifúndios.

O senhor Pedro Dias, pequeno agricultor que vive da produção de leite e da pesca e um dos poucos moradores no vilarejo de Santa Luzia, lembra: “É porque... daí é... cinco milhão o alqueire aí, Deus o livre. O fazendeiro abriu nesse preço aí, a turma pegava com as duas mãos porque nunca viram aquele dinheiro, né?”⁴ O seu Crecêncio de Oliveira, emigrante da década de 1970 e pequeno proprietário, afirma ter presenciado um conflito envolvendo a imobiliária: “[...] porque a imobiliária queria vendê pros fazendeiros, daí imprensava os pequenos e os pequenos não podia pagá,

3 MORAES, Nilson. *Entrevista concedida a Danusa Guimarães*. Puerto Adela/PY, 18 de dez. de 2006.

4 DIAS, Pedro. *Entrevista concedida a Danusa Guimarães*. Santa Luzia/Puerto Adela/PY, 30 de jan. de 2007.

*né? Antes, você ia enrolando assim, conforme tu podia pagá, tu ia dando assim, então, né? Quando os fazendeiros entraram e tavam loco pra comprá terra, eles ia lá e se plantavam".*⁵

A produção da soja em Puerto Adela tem utilizado maquinários sofisticados, além de agrotóxicos que mudaram tecnologicamente o plantio. Porém, tem acentuado a falta de emprego e estimulado a competitividade entre os trabalhadores. Assim como o senhor Nilson, muitos trabalhadores têm buscado outros meios de sobrevivência, entre os quais está, por exemplo, o deslocamento semanal de jovens e pais de famílias para Porto Mendes em busca de trabalho, retornando às suas casas nos finais de semana. A produção e a comercialização do leite parecem ser atividades que crescem e se destacam tanto no vilarejo de Puerto Adela como também nos de Sán Blás, Santa Luzia, San Roque, entre outros. Tais atividades vêm sendo exercidas tanto por aqueles que não possuem a propriedade de terra como por aqueles que as arrendam para os grandes proprietários, por não conseguirem acompanhar os modos de produção vigentes.

Esses sujeitos, ao articularem o presente e o passado vividos, denunciam essas transformações ou (re)ordenações dos espaços de trabalho naquele vilarejo. Diante desses embates, outros modos de pertencer e viver naqueles lugares são (re)lembrados com angústia e sentido de perda pelos depoentes. O seu Crecêncio, imigrante há 31 anos no vilarejo, discorreu:

Depois de uma época, era corte de hortelã, daí a turma se reuniam, por exemplo, iam na roça de um, cortavam hortelã, levavam pro alambique. Quando era amanhã ia na roça do outro e foi indo. Agora, depois foi acabando tudo, agora, hoje, é cada um pra si e Deus pra todos.⁶

Esses modos de relacionar-se com os vizinhos e de pertencer a um determinado vilarejo estão presentes também em outras narrativas. Parecem ter sido relações estabelecidas entre vizinhos próximos visando à construção de estradas, colégios e igrejas. Em períodos de plantio ou colheita, lembram de "mutirão entre vizinhos" como um meio de adiantar ou evitar a perda das plantas nas roças, ou de ajudar um vizinho impossibilitado de fazê-lo. Relatam ainda casos em que famílias já instaladas no vilarejo ofereciam às famílias recém chegadas bolsas de milho, mandioca e outros alimentos, como um meio de auxiliá-las até o período da primeira colheita.

Este é um tempo (re)lembrado com angústias: "[...] *agora, depois foi acabando tudo, agora, hoje, é cada um pra si e Deus pra todos.* O seu Pedro também se lembra desse período: "*Naquele tempo era... sei lá, era meio unido o povo, né? E a senhora Noeli Moraes, esposa do seu Nilson, interpretando esse processo, diz: "É que naquele tempo, todo mundo era pequeno, então, tem gente que agora cresceu. Então, esses que cresceu, deixo os pequenos tudo lá em baixo"*⁷.

A construção desses espaços parece ter significado para esses brasileiros a busca por uma identificação coletiva, por um pertencer, no país "estrangeiro". Tais lugares de pertencimentos são reivindicados pelos depoentes e expressam diferentes temporalidades da experiência migratória. Além disso, colocam à pesquisa o desafio de pensar as trajetórias de brasileiros no Paraguai para além dos conflitos étnicos e nacionais. Na busca pela apreensão dessas dinâmicas, parece ser fundamental problematizá-las também a partir das relações de classe⁸, pois o trabalho de campo vem apresentando Puerto Adela como um vilarejo constituído por espaços híbridos. Não há um lugar definido para o pertencer, existem pertencimentos entrecruzados e identidades se (re)constituindo diariamente, frente às circunstâncias, embates, interações e articulações vividas por esses sujeitos, ao longo dos deslocamentos. Isso ocorre porque os sujeitos de Puerto Adela não vivem à parte, dialogam com as semelhanças e diferenças

5 OLIVEIRA, Crecêncio. *Entrevista concedida a Danusa Guimarães*. Sán-Blás/PY, 29 de jan.de 2007.

6 Idem.

7 MORAES, Noeli. *Entrevista concedida a Danusa Guimarães*. Puerto Adela/PY, 18 de dez.de 2006.

8 Ver: THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

Primeiros passos

entre os lugares ou, como nos inspira Jacira Helena do Valle Pereira, “[...] a identidade do migrante articula-se, compondo-se com a identidade do ‘outro’ e com a sua própria identidade [...]”.⁹

Observando Puerto Adela, percebemos que seus espaços públicos são constituídos por e a partir desses embates, entre os quais estão, por exemplo, os cultos e missas celebrados nos idiomas português e espanhol. Na escola, as aulas são ministradas em espanhol e os alunos, a partir da quarta série, passam a estudar a língua *Guarani*.

Além disso, realiza-se anualmente a Festa de Santa Ana, padroeira do vilarejo, na qual são arrecadados valores destinados às despesas anuais da própria Igreja Católica. A realização da festa é uma tradição desde a década de 1960. Seguida de uma missa e procissão pelas ruas centrais, a festa oferece churrascos, saladas, maioneses, cucas e bolos. Nas duas últimas festas, a organização trouxe churrasqueiros do Brasil e ofereceu o chamado “Porco à Paraguaia”. No período da tarde sempre acontece um baile animado com músicas gauchescas conduzido por músicos trazidos do Brasil. No final da festa, apresenta-se uma dança, composta por crianças brasileiras e paraguaias do próprio vilarejo, sob o som de músicas típicas paraguaias.

A brasileira Alenir Maria Pauletti, que é ministra de eucaristia da Igreja, participa ativamente dos cultos e missas realizadas no vilarejo, além de trabalhar na limpeza da igreja e do posto de saúde e de ajudar todos os anos na organização da festa: “*Aí... eu adoro, vamo dizer assim, eu gosto de participar, de eu ajudar a organizar, ajudar a trabalhar, né? Parece... sei lá, parece que tem um... da uma alegria, não sei... não sei explicar direito*”¹⁰. A festa parece significar o encontro com moradores dos vilarejos próximos e distantes de Puerto Adela. Parece ser o momento em que parentes, amigos e políticos do Brasil e do Paraguai participam de algo comum. Além disso, a festa conta com a presença de antigos moradores dos vilarejos que atualmente residem em Marechal Cândido Rondon.

Para esses brasileiros, a festa passa a significar o (re)viver, o (re)memorar determinadas práticas antes vividas no Brasil, como o churrasco e a dança gaúcha. É como um momento de (re)afirmar uma identidade e um pertencimento àquele país. Identidades que se afirmam e silenciam, são os estranhamentos, os embates vividos historicamente entre brasileiros e paraguaios. A senhora Alenir afirma que, na produção dos alimentos para a festa, trabalham apenas brasileiras: *Elas vão na festa [as paraguaias], o problema é que elas não gostam de trabalhar, elas gostam de se arrumar bonitinha, né? pra festa.*¹¹ No entanto, a festa também é significada e reivindicada pelos paraguaios. Um exemplo disso é o grupo de dança paraguaia que foi montado recentemente visando à participação na festa. Os homens, principalmente, participam da comissão organizadora e, no dia do evento, nota-se a presença de paraguaios de diferentes vilarejos e cidades do país.

Este texto buscou dialogar com trajetórias de brasileiros aportados em Puerto Adela no Paraguai, apresentando problemáticas de pesquisa, ainda em desenvolvimento, bem como os modos como a história oral tem permitido pensar estes espaços, compreendendo-os nas dinâmicas cotidianas.

9 PEREIRA, Jacira Helena do Valle. *Processos identitários da Segunda Geração de Migrantes de Diferentes Etnias na fronteira Brasil-Paraguai*. IN: História, região e identidades. Campo Grande: Ed. UFMS, 2003, p. 139. Ver também: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

10 PAULETTI, Alenir. *Entrevista concedida a Danusa Guimarães*. Puerto Adela/PY, 9 de agosto de 2006.

11 Idem.